

A economia ateniense em Plutarco: guerra, moeda e comércio*

Maria Aparecida de Oliveira Silvaⁱ- PPG-USP

Pelos caminhos em que os frutos da terra transitavam, aristocratas gregos e romanos conduziam um ideal de riqueza. Esses cidadãos, respeitados por suas sociedades, consideravam a agricultura a mais notável das atividades, assim ocupavam-se somente com os produtos vindos da naturezaⁱⁱ. A estreita relação existente entre o direito à cidadania e a posse da terra, na história política greco-romana, justifica a preferência aristocrática pelas práticas agrícolas como fonte de riqueza. Sob essa perspectiva, o objetivo desta comunicação é o de demonstrar que a visão plutarquiana de suborno no arcontado de Péricles está relacionada a sua reprovação às práticas comerciais atenienses.

Segundo a narrativa de Plutarco, no século V a.C., Péricles estabeleceu o pagamento de salários aos cidadãos que prestassem serviços à cidade. No entanto, para Plutarco, o pagamento do *misthós* aos cidadãos revelaria a política de suborno institucionalizada por Péricles, pois sua iniciativa de estipular salários ocorrera dada sua necessidade de obtenção de partidários. Outro resultado de tal política, segundo Plutarco, manifestou-se nas mudanças dos costumes atenienses.

No nono capítulo da biografia de Péricles, Plutarco registrou que o líder ateniense teria sido o primeiro a distribuir terras (*κληρου/χιας*), entradas gratuitas para espetáculos (*θεω/ρικα*) e salários (*μισθων*) ao povo, assim, em virtude das determinações políticas de Péricles, o povo, ao receber salários ou benefícios concedidos com o erário citadino, passou a desinteressar-se pelo trabalho tradicional. Assim Plutarco descreveu os desdobramentos das medidas de Péricles:

“Inúmeros autores narram que ele foi o primeiro a distribuir lotes de terra, entradas gratuitas para os espetáculos e salários. Como resultado dessas ações, Péricles teria criado maus hábitos no povo, que se tornou perdulário e amante dos prazeres, outrora temperante e trabalhador.”^{iiiiiv}

As mudanças nos hábitos dos cidadãos atenienses, segundo Plutarco, tiraram desse povo o amor pela conquista de suas necessidades, levando-os ao comodismo. As alterações nas relações entre o cidadão e a cidade foram prejudiciais para o funcionamento do sistema social ateniense, assim Plutarco adverte que no período arcaico, o cidadão construía seus interesses conforme as necessidades de sua cidade, enquanto na época clássica, os interesses do cidadão estavam sobrepostos às exigências da cidade. No seu entender, o abandono dos costumes, outrora pautados no trabalho agrícola e na manutenção do bem estar da cidade, tornou-se possível devido às facilidades que Péricles criou para a sobrevivência do povo.

Os fundos destinados aos espetáculos, aos salários e à distribuição de terras serviriam de capital para a troca de favores entre o povo e Péricles^v. Dos elementos apontados por Plutarco, o pagamento de salários seria o mais eficiente meio de suborno devido ao grande número de favorecidos. É interessante notar que, no final do nono capítulo da biografia de Péricles, Plutarco emprega o verbo *συνδεκα/ζω*, que significa subornar todos juntos^{vi}. Os artifícios utilizados por Péricles para aliciar a maioria da população em seu plano de distribuição de salários é descrito assim por Plutarco:

“dispondo de todos os homens, forneceram salários à quase toda a população (...) Aqueles com idade e energia para fazer a guerra recebiam, com fartura, do tesouro público, todos os meios de subsistência. Mas a os desempregados, Péricles nem queria que ficassem sem salários, nem que os recebesse sem merecer. Assim propôs ambiciosos e acertados planos

para a população, que propunham construções e obras que exigiriam muitas e diversas profissões, além de muito tempo para serem executadas. Dessa maneira, a população desocupada teria tanto direito aos benefícios como à participação nos fundos públicos quantos os remadores e soldados de campanha ou de fortificações^{vii}

Nesse trecho percebe-se que a palavra *misthós* servia para caracterizar o pagamento de salários a diferentes tipos de trabalhos. No entanto, é preciso responder por que Plutarco associou *misthós* ao suborno? Plutarco conclui que as práticas comerciais deveriam ater-se ao intercâmbio entre diferentes cidades, com o intuito de formar alianças externas ou para conhecer as diferentes formas de se fazer comércio. Contudo, para Plutarco, quando o enriquecimento torna-se o motivo maior da prática comercial, o comércio passa a representar um dano para a sociedade.

Na biografia de Licurgo, ao enumerar os percalços de uma sociedade sustentada pela acumulação de metais na forma de moeda, Plutarco justifica suas reprovações ao uso da moeda com valor intrínseco, escrevendo:

“Primeiro retirou de circulação a moeda de ouro e de prata e decidiu utilizar apenas a de ferro. Também a ela atribuiu valor insignificante quanto ao peso e conferiu-lhe dimensões consideráveis, de forma que, se alguém percebia a quantia de dez minas, precisava de uma carroça para transportá-la e de um cômodo desproporcional na casa para guardá-la. Essa moeda, disseminando-se, expulsou da Lacedemônia muitas injustiças.”^{viii}

Dessa forma, na visão plutarquiana, a instituição de salários, não importando qual a finalidade desse pagamento, fomentava as práticas de suborno, pois o pagamento dos serviços era efetuado com moedas de valor intrínseco, ou seja, de fácil acumulação. Fundamentalmente, as críticas de Plutarco destinam-se às mudanças nas bases da

economia em Atenas, uma vez que a cidade assentava uma sociedade pautada no sistema de troca simples no período arcaico de sua história. Já na época clássica, Atenas desenvolvera um sistema mais complexo, envolvendo o uso de moedas com maior constância, que por intermédio do pagamento em dinheiro, multiplicou as práticas comerciais em Atenas.

Como pode ser visto na coletânea de inscrições históricas gregas, de Bertrand, há um decreto, com datação estimada entre 425-421 a.C., no qual Atenas impõe o uso de sua moeda em todos os territórios aliados^{ix}. Conforme demonstrou Seltman, a cunhagem de moeda em Atenas iniciou-se em 478 a.C.^x, podemos inferir que Péricles apropriou-se de um expediente familiar aos atenienses, a nosso ver, a crítica de Plutarco destina-se à ampliação tanto da produção quanto do espaço de circulação da moeda^{xi}.

Na compreensão de Plutarco, um líder político poderia subornar com maior facilidade os cidadãos, utilizando a moeda como instrumento, despertando em seu povo a vontade de acumular dinheiro. Lembramos que nosso autor vê a moeda ateniense como de fácil acumulação por seu valor intrínseco, ao contrário do espartano, não era preciso um quarto com proporções desmedidas para guardá-lo. Plutarco viu na acumulação de metais seria a causa da desigualdade social, bem como a responsável pela corrupção dos valores morais. As mudanças nos costumes advindos com o uso intenso da moeda na sociedade ateniense interferiram diretamente nas ações de seus governantes e governados. Nesse sentido, o sistema monetário adotado em Esparta serviria de exemplo para que os povos não cultivassem a cobiça material.

Plutarco viu na procura desmedida de riquezas e honrarias dos atenienses, em especial, a de Péricles, a causa da decadência de seu povo. Como pode ser visto nesse trecho:

“os historiadores concordam que a culpa do embate era de Péricles. (...)

Há autores afirma que teria sido a arrogante confiança, o gosto pela vitória e para exibir poder que ele desafiou os lacedemônios”^{xii}

A decadência ateniense é interpretada por Plutarco como o resultado de uma política de dominação, de cunho imperialista, decorrente de uma vontade pessoal de Péricles aliada aos interesses dos cidadãos de transformar a guerra em fonte de captação de recursos. Conforme ilustra Homo, Péricles, desde que foi eleito estrategista em 461 a.C., implementou políticas de proteção contra ataques externos, bem como promoveu o fortalecimento e a renovação da frota militar ateniense^{xiii}. No entanto, os ganhos oriundos da guerra eram ilusórios, uma vez que a guerra representava o pior dos males, como registrou Plutarco na biografia de Paulo Emílio:

“a guerra, ao adentrar os domínios de um país, deste não sairia sem cobrar elevado preço em sangue e mortos”^{xiv}

Percebemos, na argumentação plutarquiana, a construção de uma seqüência fatídica para qualquer sistema citadino: comércio, moeda e guerra. O comércio, quando não está voltado para a obtenção de produtos básicos para a sobrevivência, representa a entrada de produtos supérfluos que despertarão a ambição daqueles que estiveram em contato com esses objetos valiosos. Contudo, para a aquisição desses produtos seria preciso a obtenção de moedas para efetuar a troca. A busca desmedida pelo metal provocaria uma ambição muito maior que o cidadão e a cidade, fazendo com que o governante, ao lado de seus governados, procurassem a guerra. A guerra, que no pensamento errôneo de um líder ambicioso, possibilitaria a acumulação de mais objetos preciosos, além de aumentar os seus domínios.

A identificação dessa tríade no pensamento plutarquiano permite ao leitor compreender os motivos que o levaram a associar o sistema de pagamento de salários

(μισθοφορία) ao suborno. Ora, se a sociedade estabelecesse seus critérios de troca considerando as suas necessidades primeiras, não haveria o interesse desmedido pelo metal. Na medida em que a distribuição de moedas contribuía para o individualismo em detrimento dos interesses da sociedade, Plutarco cogitava que o líder ateniense deveria distribuir alimentos ou produtos que fossem úteis à sobrevivência de seu povo em vez de moedas. Para Plutarco, seriam terríveis as conseqüências de um sistema social que seguisse, nessa ordem, o desenvolvimento do comércio, a valorização da moeda e a deflagração de guerras.

É preciso destacar que sobre a prática do suborno nas sociedades póliades da Grécia não há uma obra específica que trate do assunto. Os autores antigos somente nos legaram informações esparsas sobre o significado dessa prática social^{xv}. Como apontou Harvey, já em Homero e Hesíodo, havia a oferta de objetos preciosos após à conclusão de uma tarefa ao seu executor^{xvi}.

Em suma, as conclusões plutarquianas a respeito da primazia da agricultura sobre o comércio, como meio de obtenção de renda, revelam sua origem aristocrática de uma região cultivável como a Beócia, pois como concluiu Andrews, as quantias destinadas ao pagamento dos cidadãos prestadores de serviços à cidade sugeridas por Plutarco se mostram absurdas^{xvii}. Como ressaltou Breebaart, a palavra empregada por Plutarco para mudança é *metábole*, a qual está relacionada ao período de transição política que Péricles representou, para o autor, apesar de o estrategista representar a aristocracia ateniense, ele atuava de maneira a aumentar a participação daqueles que não pertenciam ao seleto grupo dos aristocratas, o que teria provocado o descontentamento de Plutarco, manifesto em suas reprovações ao governo de Péricles^{xviii}.

* Esta comunicação é parte de um trabalho final de curso de Pós-Graduação, intitulado: “Moeda e noção de valor na Grécia antiga”, ministrado pela Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano.

ⁱ Doutoranda em História Social pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello. Bolsista da FAPESP.

ⁱⁱ MOSSÉ, C. O homem e a economia. In: VERNANT, J.P. *O homem grego*. Lisboa: Presença, 1993, p. 25.

ⁱⁱⁱ As traduções são de responsabilidade da autora.

^{iv} *Péricles*, IX, 1-2.

^v A concepção plutarquiana de povo (δημος) não está muito clara em seu texto. (*Péricles*, IX, 1)

^{vi} No Dicionário Liddell & Scott, o verbo συνδρακαζω é traduzido como : bribe all together.

^{vii} *Péricles*, XII, 2-3 .

^{viii} *Licurgo*, IX, 2.

^{ix} BERTRAND, J-M. *Inscriptions historiques grecques*. Paris: Les Belles Lettres, 1992, p. 68.

^x SELTMAN, C. *Greek Coins: a History of Metallic Currency and Coinage down to the Fall of Hellenistic Kingdoms*. London: Methuen, 1955, p. 110.

^{xi} PICARD, O. “Monnaie et démocratie a Athènes”. Colloque Internationale. Org. par l’Ac. D’Athènes en Coop. Avec l’Unesco. v. 23- 25, nov., 1992, p. 243.

^{xii} *Péricles*, XXXI, 3 .

^{xiii} HOMO, L. *Périclès: une expérience de démocratie dirigée*. Paris: Robert Faffont, 1954, p. 110.

^{xiv} *Paulo Emílio*, XVI, 4.

^{xv} HARVEY, F.D. “Dona Ferentes: Some Aspects of Bribery in Greek Politics” In: CARTLEDGE & HARVEY (orgs.) *CRUX: Essay in Greek History*. London, Duckworth, 1985, p.76.

^{xvi} *Ibid.* p.77.

^{xvii} ANDREWS, A. The opposition to Perikles. *The Journal of Hellenistic Studies*, vol. XCVIII, p.5, 1978.

^{xviii} BREEBAART, A. B. Plutarch and the Political Development of Pericles. *Mnemosyne*. Vol. XXIV, 3, p.263, 1971.